

Foco ou diálogo? Uma análise quantitativa dos discursos dos senadores brasileiros¹

Maurício Yoshida Izumi²

Universidade de São Paulo

¹Trabalho preparado para apresentação no V Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP, de 4 a 8 de maio de 2015.

²Este trabalho contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2013/24210-4. Email: mauricio.izumi@usp.br.

Resumo

De acordo com [Mayhew \(1974\)](#), parlamentares discursam com vistas a sinalizar para os eleitores uma posição sobre determinado tema. O objetivo deste trabalho será verificar se eles focam os seus esforços em assuntos específicos ou se estão em constante diálogo. Isto é, será que os parlamentares evitam o diálogo, pois não percebem nenhum benefício em falar sobre temas que são especialidade de seus oponentes? Ou será que eles estão em constante diálogo para parecerem responsivos para com os seus eleitores? Para responder a essas questões utilizaremos técnicas de análise quantitativa de textos e um banco de dados inédito com a indexação de mais de 64 mil discursos dos senadores brasileiros entre fevereiro de 1987 e dezembro de 2010. Os resultados apontam que políticos não apenas dialogam como também apresentam posições marcadamente distintas entre eles.

Palavras-chave: Diálogo, Senado, Discursos, Brasil, Análise quantitativa de textos.

Introdução

De acordo com [Mayhew \(1974\)](#), políticos estão interessados em se reeleger. Com vistas a alcançar esse objetivo eles devotam diversos esforços em algumas atividades básicas. A tomada de posição (*position taking*) em temas relevantes é uma delas¹. Existem várias formas de se fazer isso. Por exemplo, ela pode ser feita por meio de votações nominais ([Poole and Rosenthal, 2007](#)) e pela assinatura de projetos ([Alemán et al., 2009](#)). Como o que interessa é o posicionamento em relação a um determinado tema e não a formulação ou a mudança de alguma política pública, outra maneira de se tomar posições é por meio de discursos.

Assim, a questão que surge aqui é qual a estratégia que ele deve adotar em seus discursos? Ele deve focar os seus esforços em assuntos específicos ([Petrocik, 1996](#); [Simon, 2002](#)) ou deve dialogar ([Ansolabehere and Iyengar, 1994](#)) com os seus oponentes para parecer responsivo para com os seus eleitores? Para responder a essas questões utilizarei técnicas de análise quantitativa de textos e um banco de dados inédito com a indexação de mais de 64 mil discursos dos senadores brasileiros entre fevereiro de 1987 e dezembro de 2010. Os resultados apontam para a hipótese do diálogo. Em geral, os partidos políticos brasileiros não possuem nichos temáticos específicos. Senadores de diferentes partidos convergem os seus discursos no que diz respeito ao tema. Se um senador do governo discursar sobre um tema A, é muito provável que um senador da oposição também faça um discurso sobre o mesmo tema A. E mais importante, nos temas que dizem respeito ao centro do processo político e da gestão econômica eles apresentam posições marcadamente distintas.

Na seção que se segue apresentamos e discutimos as duas principais teorias sobre a estratégia dos parlamentares ao discursarem. Em seguida temos os dados e métodos utilizados neste trabalho. Por fim, apresentamos os resultados e algumas considerações finais.

Foco ou diálogo?

Para uma parte da literatura ([Petrocik, 1996](#); [Simon, 2002](#)) os políticos focam os seus discursos em determinadas temáticas. Isto é, eles apenas discutem os temas nos quais eles

¹As outras atividades são o *advertising* e o *credit claiming*. O *advertising* é o esforço de disseminar o próprio nome pela *constituency* de forma tal que se crie uma imagem favorável de si próprio. A ideia é se tornar conhecido enfatizando características pessoais como experiência, conhecimento, sinceridade e independência. Já o *credit claiming* é agir de modo a gerar uma crença nos atores políticos relevantes de que ele é o responsável pela realização de algum benefício desejável.

acreditam ter uma vantagem em relação aos seus oponentes. Isso ocorre porque eles não tem o interesse de aumentar a saliência de um assunto no qual os seus adversários se saem melhores. Por exemplo, nos EUA os democratas concentram os seus esforços em temas tais como liberdades civis, questões étnicas e raciais, mulheres e direitos dos homossexuais. Os republicanos, por sua vez, realçam temas tais como valores tradicionais, crime, exército e regulação da economia. Essa vantagem temática, na visão de [Petrocik \(1996, 826\)](#), não surge do nada. Ela está relacionada com a reputação construída pelo histórico de atuação de seu partido. Assim, partidos que sempre estiveram engajados em problemas específicos são vistos pelo eleitorado como mais competentes. Os políticos, por sua vez, utilizam estrategicamente essa vantagem.

De acordo com [Sagarzazu \(2011\)](#), em sistemas partidários pouco institucionalizados essa não é a estratégia dominante. Dada a fragilidade das siglas partidárias é mais difícil de se criar uma vantagem temática. Como consequência, políticos não tem o incentivo de focar os seus esforços em áreas específicas. O diálogo deve prevalecer.

O diálogo ocorre quando um político inicia a discussão com um tema e seu oponente responde com um discurso sobre o mesmo tema. O oposto do diálogo é quando o político discursa sobre um tema e o seu adversário o ignora ou discursa sobre outro tema ([Simon, 2002, 1](#)). Essa troca de ideias é importante não somente porque fornece informações relevantes aos eleitores, mas também porque fornece interpretações concorrentes sobre políticas.

Para [Ansolabehere and Iyengar \(1994\)](#) os políticos tem incentivos de dialogar. A motivação para isso surge da necessidade de se mostrarem responsivos perante os seus eleitores. Algumas temáticas são importantes para os eleitores tomarem as suas decisões e partidos que não se esforçam em falar sobre elas são vistos como indiferentes. Portanto, mesmo que os partidos tenham algum nicho específico, os políticos tem o incentivo de discursar sobre os temas de propriedade de seus adversários.

Segundo [Sides \(2006\)](#), essa "invasão" temática se dá de uma maneira peculiar. Ao discursarem sobre temas que são de "propriedade" de seus oponentes, os candidatos buscam ressaltar dimensões que estão em consonância com a tradição filosófica de seus partidos. Por exemplo, durante os anos de 1990 nos EUA, os democratas ao discutirem a questão da criminalidade - tema historicamente relacionado aos republicanos - defendem uma proposta de prevenção com o aumento do número de policiais nas ruas. Essa estratégia retórica permitiu aos democratas demonstrarem a sua preocupação com um tema importante para os eleitores ao mesmo tempo que eles defenderam uma política que seguia a ideologia de seu partido.

Além disso, outro motivo para a existência de diálogo é a natureza de certas ques-

tões (Kaplan et al., 2006). Algumas delas são relativas à performance. Questões como a situação da economia, segurança nacional e corrupção são alguns exemplos. Elas naturalmente suscitam algum tipo de diálogo. Por exemplo, durante a campanha presidencial de 2010, a candidata do governo, Dilma Rousseff (PT), teve que responder a questões relativas ao aborto e aos escândalos de corrupção suscitadas pelos seus adversários José Serra (PSDB) e Marina Silva (PV). Ao fazer isso, ela deixou de ressaltar em seu discurso a questão da situação econômica favorável do país e conseqüentemente os seus índices de popularidade caíram nas pesquisas de opinião (Nunes and Meira, 2012).

Em resumo, parte da literatura (Petrocik, 1996; Simon, 2002) prevê que adversários políticos enfatizarão diferentes tópicos tendo em vista o histórico de seus partidos. Por outro lado, outros autores (Ansolabehere and Iyengar, 1994; Sides, 2006; Kaplan et al., 2006) preveem que políticos enfatizarão o mesmo conjunto de temas.

Na próxima seção apresentamos os dados e os métodos utilizados neste trabalho para verificar qual das duas hipóteses descreve melhor o que ocorre no caso brasileiro.

Dados e métodos

Neste trabalho utilizamos um banco de dados inédito com a indexação de todos os discursos dos senadores brasileiros entre fevereiro de 1987 e dezembro de 2010. Temos ao todo 64.311 discursos, o que equivale a uma média de 176 discursos por senador e 2.680 discursos por ano.

A indexação² é um conjunto de palavras-chave que facilita a recuperação do conteúdo dos discursos. Por exemplo, em discurso proferido em 11 de dezembro de 2007 pelo senador Eduardo Suplicy (PT/SP) temos como resumo o seguinte texto: "Comemoração da abertura da Semana de Valorização da Pessoa com Deficiência."³. Neste exemplo, as palavras que indexaram o discurso foram: "saudação, semana, valorização, pessoa portadora de deficiência, elogio, execução, musica, sessão, regente, demonstração, capacidade, suplantação, limitação, comentario, dados, estudo, (fgv), situação, deficiência, brasil, falta, escolaridade, emprego, gravidade, miseria, importancia, programa, inclusão, especificação, formação profissional, cumprimento, legislação, cota, mercado de trabalho, importancia, conscientização". Como podemos observar, a indexação possui as principais palavras que descrevem o tema do texto.

A principal vantagem de se trabalhar com a indexação e não com o discurso é o pro-

²Veja um exemplo na Figura 8 Apêndice.

³O discurso pode ser acessado em <http://www.senado.gov.br/atividade/pronunciamento/detalhes.asp?d=371755>.

cessamento computacional. Por exemplo, o discurso do senador Eduardo Suplicy possui 947 palavras, mas a indexação tem apenas 42. Em nosso conjunto de dados, as indexações tem em média 54 palavras⁴.

A primeira etapa para classificar os discursos em diferentes áreas temáticas foi selecionar uma amostra aleatória simples sem reposição de tamanho 5.000. Retiramos as palavras irrelevantes (*stopwords*) bem como aquelas pouco (<1%) ou muito (>99%) frequentes. A partir dessa lista criamos uma matriz com a frequência de vezes que cada termo aparece em cada um dos discursos e calculamos a matriz de distâncias. Aplicamos então uma análise de agrupamento hierárquica. Esse é o mesmo procedimento utilizado por Sagarzazu (2011).

De maneira geral, comparando todos os pares de termos da matriz de distâncias agrupamos os dois termos que são mais semelhantes. A matriz então é redefinida de acordo com o grupo que foi formado e repete-se o processo até que todos os termos formem um único grupo. Com isso cada termo é alocado em um grupo. Baseado nesse resultado encontramos 17 temas diferentes.

Na Tabela 1 temos a lista de palavras em cada um dos grupos. Como vemos, os tópicos cobrem um amplo leque de assuntos como Agropecuária, Corrupção, Educação, Meio ambiente, Relações internacionais e Saúde. Em média, cada grupo possui 14 palavras. Temos um mínimo de 6 palavras para Saúde e um máximo de 29 palavras para Relações internacionais.

Como já foi dito, essa classificação de palavras foi feita a partir de uma amostra. Utilizamos então essas palavras para classificarmos todo o conjunto de discursos. Quando um conjunto de palavras de um tópico se sobressaiu sobre os outros, o discurso foi classificado nesse tópico. Por exemplo, para a indexação do discurso do senador Álvaro Dias (PSDB/PR): "comentário, debate, comissão de constituição justiça e cidadania, expectativa, alteração, proposta, reformulação, previdência social, leitura, trecho, documento, (unicamp), análise, proposta, reformulação, previdência social, previsão, superioridade, número, pedido, aposentadoria, prejuízo, serviços públicos, especificação, ensino superior, pesquisa, questionamento, metodologia, definição, déficit, regime geral de previdência social, protesto, imputação, perda, trabalhador, servidor, compensação, desvio, verba", temos 3 palavras da categoria Distribuição de renda (o termo "social" aparece três vezes), uma da categoria Economia ("análise"), 2 da categoria Educação ("ensino" e "superior") e 6 da categoria Trabalho ("previdência" aparece três vezes, "reformulação" aparece duas vezes e "aposentadoria" aparece uma vez). Neste caso o discurso foi classificado na categoria

⁴O desvio padrão é de 40 palavras.

Tabela 1: Palavras classificadas em cada categoria

Tema	Palavras
Agropecuária	agricultor, pequeno, produtor, rural, agropecuaria, produção, agrícola, agricultura, alimentos, provocação, movimento, trabalhista, propriedade, agraria, assentamento, incra, invasão, terra, conflito, terras
Corrupção	operação, policia, prisão, impunidade, judiciario, punição, responsável, depoimento, bingo, corrupção, cpi, investigação
Distribuição de renda	bolsa, familia, fome, miseria, pobreza, desigualdade, social, concentração, distribuição, renda
Economia	comercio, exterior, industrial, industria, comercial, exportação, importação, preço, produto, juros, taxas, retomada, crescimento, economico, financeira, estabilidade, inflação, desemprego, desvalorização, analise, politica, efeito, crise, economia
Educação	curso, estudante, mec, ensino, superior, tecnica, escola, universidade, estabelecimento, educação, professor
Infra-estrutura	eletrica, energia, hidroeletrica, usina, estrutura, infra, ferrovia, ligação, conclusão, obra, porto, recuperação, rodovia, construção, habitação, saneamento, aceleração, obras
Juventude	menor, adolescente, criança, abuso, exploração, sexual
Meio ambiente	ambiente, meio, preservação, sustentável, madeira, ibama, mma, destruição, desmatamento, amazonica, floresta
Minorias	deficiência, pessoa, direitos, humanos, mulher, discriminação, negro, idoso, estatuto, igualdade, catolica, igreja, indigena, reserva, comunidade, indio
Partidos e eleições	pmdb, psdb, partido, politico, campanha, eleitoral, candidatura, presidencia, reeleição, candidato, eleições, vitoria, eleição, partidaria, representação
Relações internacionais	clima, conferencia, ambito, internacional, mundo, onu, ong, proteção, forças, fronteira, ameaça, soberania, territorio, bolivia, gas, natural, petrobras, petroleo, sul, america, mercosul, brasileiro, externa, paz, mre, estrangeira, eua, estrangeiro, pais
Saúde	doença, prevenção, hospital, saude, medico, tratamento
Seca	francisco, transposição, abastecimento, agua, seca, auxilio, calamidade
Sistema financeiro	financeiro, sistema, bacen, bancos, oficial, banco, particular, créditos, facilitação, credito, bndes, financiamento, emprestimo, dívida, pagamento, cef, contrato
Trabalho	salarial, reajuste, minimo, salario, previdencia, reformulação, previdenciaria, aposentado, aposentadoria
Tributação	correção, imposto, reforma, tributaria, tributação, cpmf, arrecadação, tributos
Violência	homicidio, morte, solidariedade, vitima, civil, sociedade, conscientização, conclamação, mobilização, cidadão, ocorrencia, publica, segurança, combate, violencia, coletiva, manifestação, militar, policial

Tabela 2: Frequência por tema

Tema	Frequência	Porcentagem
Relações internacionais	11.991	18,6%
Economia	9.316	14,5%
Partidos e eleições	7.559	11,8%
Violência	6.019	9,4%
Infra-estrutura	4.158	6,5%
Educação	3.542	5,5%
Corrupção	3.402	5,3%
Agropecuária	3.020	4,7%
Minorias	1.981	3,1%
Distribuição de renda	1.935	3,0%
Sistema financeiro	1.859	2,9%
Trabalho	1.717	2,7%
Meio ambiente	1.584	2,5%
Saúde	1.217	1,9%
Tributação	728	1,1%
Seca	639	1,0%
Juventude	502	0,8%
NA	3.142	4,9%
Total	64.311	100%

Trabalho⁵. Quando a indexação não tinha nenhum termo dentro de alguma categoria, o discurso não foi classificado.

Na Tabela 2 temos a frequência de discursos por tema. O tópico menos citado pelos senadores foi a Juventude com 0,8% e o mais citado foi o de Relações internacionais com 18,6%. Dos mais de 64 mil discursos, apenas 5% não foram classificados.

O principal objetivo deste trabalho é verificar se os parlamentares focam os seus discursos em temas específicos ou estão em constante diálogo com os seus oponentes. Consideramos a existência de diálogo quando alguém de um grupo comunica as suas preferências em resposta a uma mensagem anterior feita por alguém de outro grupo com preferências distintas. Este ponto é importante pois não há muito sentido em falar em diálogo quando os dois lados estão expressando a mesma posição. Parlamentares em diferentes partidos políticos ou em diferentes coalizões (governo e oposição) são um indicativo de que eles não estão apenas reforçando a mesma ideia. De acordo com alguns autores (Zucco, 2009; Izumi, 2013), o conflito entre governo e oposição representa razoavelmente bem as preferências dos parlamentares brasileiros. Por tal razão trabalharemos

⁵O resumo do discurso foi "Análise crítica sobre o projeto de reforma da previdência" e pode ser acessado em <http://www.senado.gov.br/atividade/pronunciamento/detalhes.asp?d=340559>.

aqui com partidos e coalizões e não com indivíduos.

Para testarmos o argumento do diálogo precisamos de uma medida de convergência dos temas discutidos. Isto é, precisamos de uma medida que resuma quão semelhantes eles são em um determinado momento do tempo. Utilizamos aqui o índice desenvolvido por [Sigelman and Buell \(2004\)](#). Ele é calculado pela seguinte expressão:

$$100 - \frac{\sum_{i=1}^n (|PA_i - PB_i|)}{2} \quad (1)$$

onde PA e PB são as porcentagens do total de atenção dada a cada tema i pelos partidos A e B, respectivamente. Por exemplo, se o partido A fez 100 discursos, dos quais 20 estão na categoria x, 30 na y e 50 na z, temos que PA em x é 20%, PA em y é 30% e PA em z é 50%.

Como queremos uma medida que resuma o grau de similaridade entre os partidos, uma maneira simples de se fazer isso é somando a diferença absoluta das porcentagem em cada tema. E como estamos somando 100% duas vezes - uma de PA e outra de PB - dividimos por 2 para que tenhamos um índice entre 0 e 100. Por fim, subtraímos de 100 para que a medida seja de similaridade e não de dissimilaridade.

Por exemplo, se tivermos a seguinte distribuição:

	Tema x	Tema y	Tema z
Partido A	20%	30%	50%
Partido B	50%	20%	30%

O índice será igual a 70. Isto é, há 70% de convergência nos discursos feitos pelos partidos A e B. Na seção que se segue utilizaremos este o índice de [Sigelman and Buell \(2004\)](#) para calcularmos a similaridade entre os adversários políticos no Brasil.

Resultados

Nesta seção verificamos se os senadores brasileiros focam os seus discursos em nichos específicos ou buscam discursar sobre os mesmos temas que os seus adversários.

No Gráfico 1 apresentamos a proporção dos temas discutidos por partido⁶. Como é possível observar, em geral, não há nenhum partido que se especialize em uma temática. Os três principais temas discutidos pelos partidos brasileiros são Relações internacionais, Economia e Partidos e eleições.

⁶Foram selecionados apenas os 5 principais partidos (PFL>DEM, PSDB, PMDB, PSB e PT) e os temas que contribuíram com ao menos 5% dos discursos totais. No Gráfico 9 do Apêndice apresentamos os resultados completos.

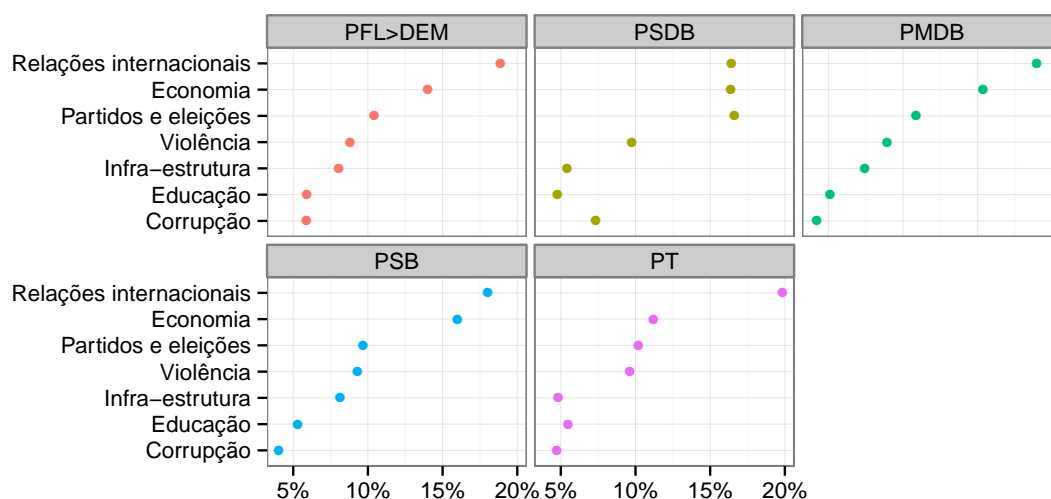


Figura 1: Proporção dos temas por partido

Analisando os programas dos partidos políticos, [Tarouco \(2012\)](#) encontrou um resultado diferente. De acordo com a autora, os partidos brasileiros se diferenciam no que tange ao conteúdo apresentado em seus programas. No entanto, as categorias utilizadas são mais amplas do que as utilizadas aqui e estão relacionadas a temáticas como democracia e liberdade, sistema político, bem-estar e qualidade de vida e grupos sociais.

No Gráfico 2 temos a proporção por mês dos assuntos discutidos entre governo e oposição⁷. Como vemos, em geral, também não há nenhum tema que tenha sido mais discutido ao longo do tempo pelo governo ou pela oposição. Ambos os lados mantém a mesma proporção em cada assunto. A exceção fica por conta de alguns picos em alguns momentos, como nos temas de Relações internacionais e Violência.

Esse resultado difere do encontrado por [Sagarzazu \(2011\)](#) para o caso venezuelano entre 1996 e 2007. Conforme o autor, houve um aumento da atenção às questões políticas tais como eleições e sobre a situação política do país, sobretudo pela oposição. Por outro lado, questões de economia, que antes eram mais discutidos pela oposição, também diminuíram de proporção. Ou seja, houve uma mudança de foco em temas tais como economia, saúde e segurança nacional para temas como eleições e situação política do país. Ainda segundo [Sagarzazu \(2011\)](#), essa mudança está associada a uma estratégia partidária de longo prazo de deixar de ser identificado com uma temática específica para uma estratégia de discutir aquilo que está em pauta no dia-a-dia.

⁷Foram selecionados apenas os temas que contribuíram com ao menos 5% dos discursos totais. No Gráfico 10 do Apêndice apresentamos os resultados completos.

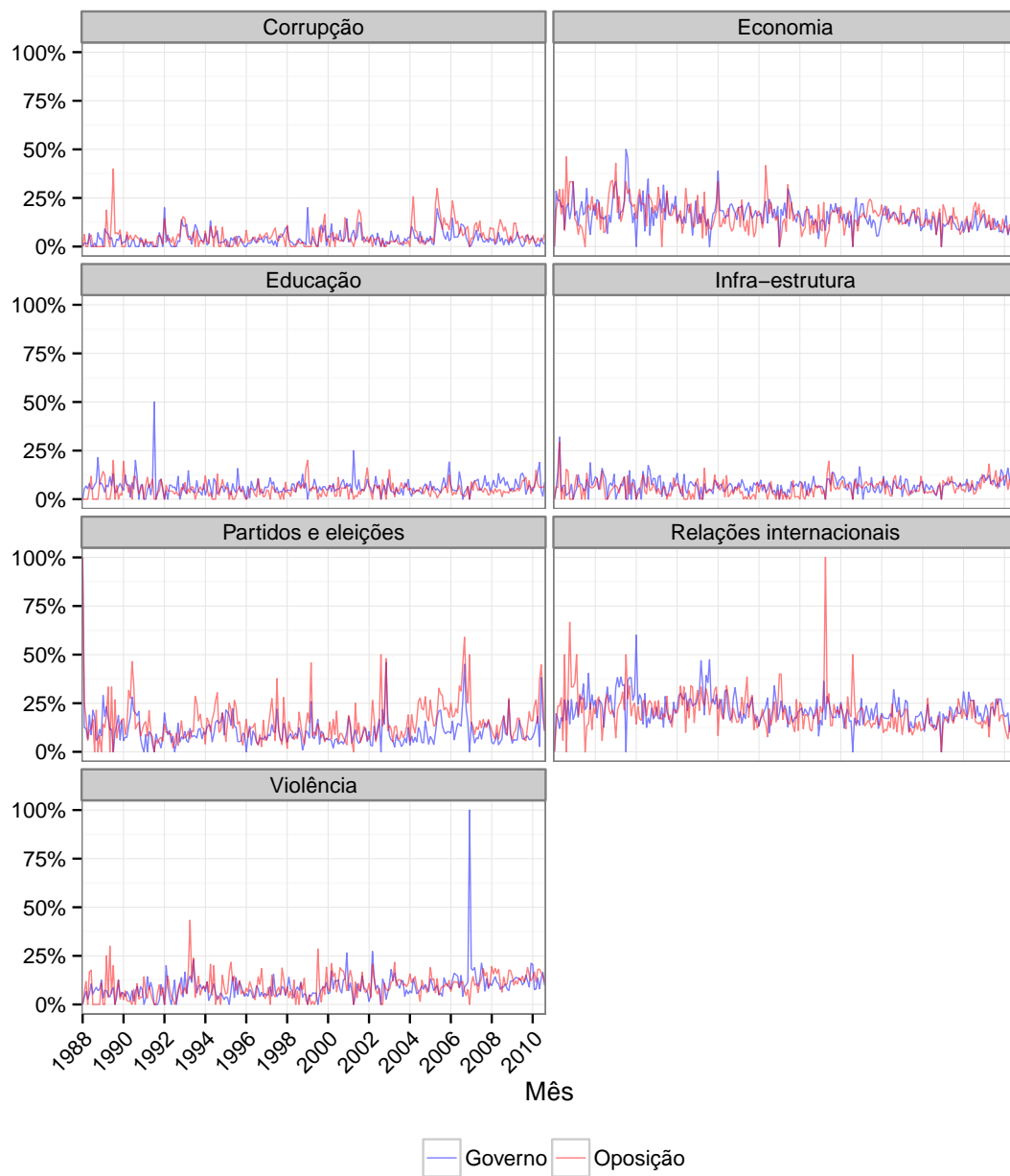


Figura 2: Proporção dos temas por mês

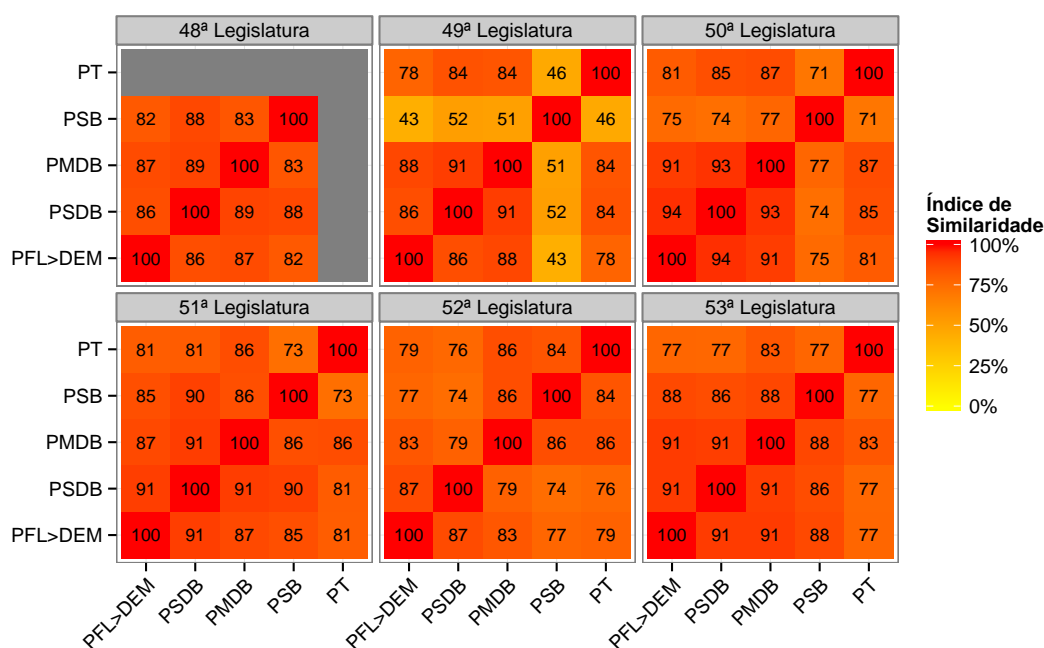


Figura 3: Índice de similaridade entre os partidos por legislatura

Em resumo, no caso brasileiro, os partidos não focam os seus discursos em uma temática específica. Todos os partidos se sentem em uma posição confortável para discutirem questões dos mais diversos assuntos. Além disso, ao longo dos últimos 20 anos parece não haver nenhuma mudança de comportamento. Governo e oposição dedicam a mesma proporção de tempo para cada área. E nenhuma área se sobressai sobre outra.

No Gráfico 3 temos o índice de similaridade entre os partidos por legislatura⁸. Em cada casela temos o índice entre o partido do eixo x e o partido do eixo y. Por exemplo, durante a 53ª legislatura (2007-2011), o PMDB e o PT convergiram em 83% de seus discursos no plenário do Senado Federal. Assim, o triângulo inferior da matriz é igual ao superior e a diagonal secundária é constante igual a 100. Os casos que estão em cinza são aqueles nos quais não foi possível calcular o índice de similaridade, pois não haviam discursos. Em geral, encontramos valores altos. A média foi de 77,4 com um desvio padrão de 15,6. O menor valor encontrado foi na 50ª legislatura (1995-1999) entre o PSB e o PL>PR (26,5) e o maior foi entre o PFL>DEM e o PSDB (94,4) nesta mesma legislatura. Mais de 75% dos casos possuem índices maiores do que 70,8; mais da metade possuem índices maiores do que 80,4; e mais de 25% maiores do que 86,1.

No Gráfico 4 temos o índice de similaridade entre governo e oposição por mês. Em

⁸Foram selecionados apenas os 5 principais partidos. No Gráfico 11 do Apêndice apresentamos os resultados completos.

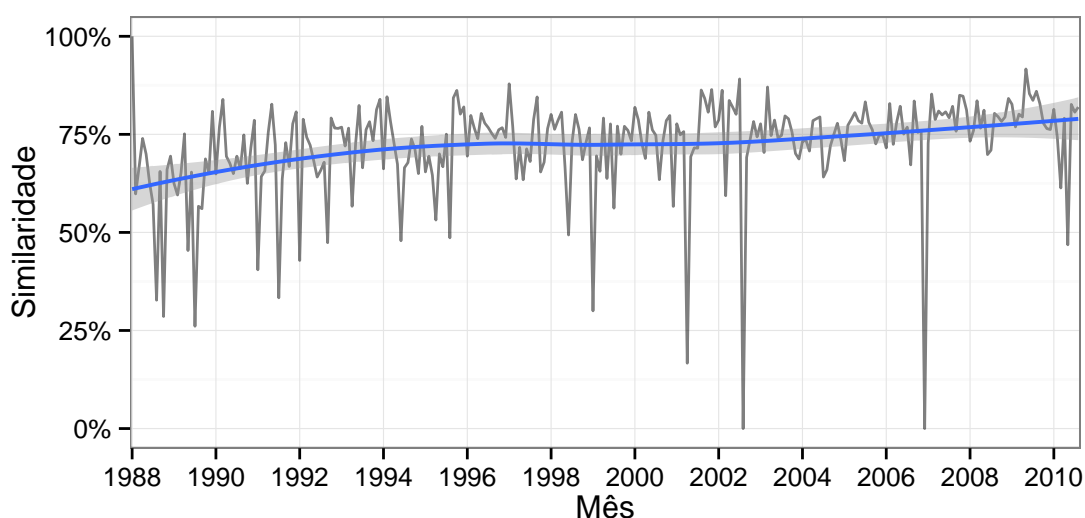


Figura 4: Índice de similaridade entre governo e oposição por mês

média, o índice de similaridade foi de 72,2 com um desvio padrão de 12,6. Em outras palavras, governo e oposição convergiram nos temas discutidos em 72,2% das vezes. Isto quer dizer que se um dos lados realocasse apenas 27,8% de seus discursos, teríamos uma convergência perfeita das temáticas debatidas entre governo e oposição. De todos os meses (272), apenas 16 estão abaixo de 50% e somente 3 abaixo de 25%. No entanto esses meses são aqueles que possuem poucos discursos. Em geral, são os meses de janeiro e de julho quando ocorre o recesso parlamentar. Por exemplo, os 3 meses com os menores índices encontrados são os de janeiro de 2001, julho de 2002 e janeiro de 2007.

Esse valor é semelhante ao encontrado por [Sigelman and Buell \(2004\)](#) para as campanhas presidenciais dos Estados Unidos entre 1960 e 2000. Durante esse período, o índice de similaridade nas 14 campanhas analisadas teve uma média 71,4 com um desvio padrão de 4,6. O menor valor encontrado foi de 63,3 para a eleição de 1972 e o maior para a eleição de 2000 com um índice de 77,5.

[Kaplan et al. \(2006\)](#), por sua vez, analisando as campanhas televisionadas dos senadores americanos entre 1998 e 2002 encontraram índices um pouco mais baixos. Das 65 corridas senatoriais estudadas o índice médio de convergência foi de 44,1 com um desvio padrão de 16,7. O menor valor foi de 0 em 2000 no estado do Novo México e em Illinois em 2002. O maior foi no Kentucky em 1998 com um índice de 67,4.

Olhando para a similaridade entre os dois principais partidos brasileiros - PT e PSDB - ao longo do tempo encontramos índices um pouco mais baixos⁹, conforme o Gráfico 5.

⁹Antes de 1990 não foi possível calcular o índice de similaridade entre os dois partidos pois o PT não

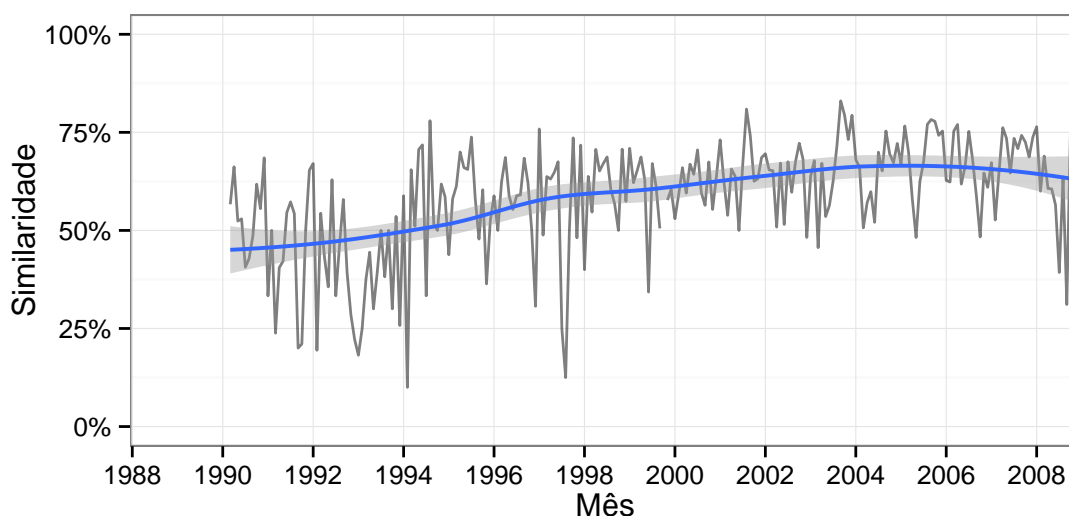


Figura 5: Índice de similaridade entre PT e PSDB por mês

A média foi de 58,3 com um desvio padrão de 14,3. Ou seja, em quase 60% das vezes os senadores do PT e do PSDB estavam discutindo sobre o mesmo tópico. O menor valor encontrado foi de 10 e o maior foi 83,0. Em metade das vezes o índice esteve acima de 61,8 e em 25% das vezes esteve acima de 67,8. Embora esse valor não seja tão alto do que quando agregado ao nível da coalizão, não podemos considerá-lo um valor baixo. Sobretudo quando comparado com os valores encontrados por [Kaplan et al. \(2006\)](#) para as campanhas dos senadores norte-americanos.

Em resumo, não há evidências empíricas para a ideia de que os partidos focalizam os seus discursos em determinadas áreas temáticas. Pelo contrário, adversários políticos tendem a discursar sobre os mesmos temas. Os resultados apontam para uma convergência temática, seja entre os partidos, seja entre governo e oposição.

Embora a convergência seja uma condição necessária, ela não é uma condição suficiente para a existência de diálogo. Por exemplo, vamos supor que dois parlamentares sejam convidados para um debate. No entanto os dois são do mesmo partido - isto é, possuem posições políticas semelhantes em diversos assuntos. Se eles estiverem falando sobre o mesmo tema, teremos uma convergência muito alta. Porém, o que iremos assistir não pode ser considerado realmente um diálogo entre eles, mas sim um reforço de ideias. O fato de possuírem as mesmas posições políticas e estarem conversando sobre um mesmo tema não é muito informativo. Ou seja, não há uma troca ideias de modo a salientar as diferentes visões sobre o assunto. Há apenas um realce de uma mesma visão.

havia eleito nenhum senador.

Em teoria, uma convergência alta entre adversários políticos seria um bom indício de um diálogo. Isto porque é razoável imaginar que um político do governo teria uma visão diferente da de um da oposição; ou um petista teria uma visão diferente da de um peesedebista. Assim, não teríamos apenas um reforço de uma posição, mas sim uma troca de ideias que seria informativa para os eleitores. Contudo, sempre há uma desconfiança para o caso brasileiro. Para [Kinzo \(2004\)](#), por exemplo, os partidos políticos não oferecem opções claras e diferenciadas aos eleitores no Brasil. Estes se veem diante de uma disputa em que os partidos políticos não são entidades que constroem alternativas eleitorais e identidades partidárias. A intensa fragmentação, a falta de nitidez decorrente das alianças eleitorais e a prática de governo de coalizão tem efeitos negativos sobre o eleitorado. Para o eleitor mediano é difícil fixar a imagem dos partidos, distinguir seus líderes e propostas e, assim, estabelecer uma lealdade partidária. ([Kinzo, 2005, 76-77](#))

Portanto, dada essa falta de nitidez e fraqueza das legendas partidárias, o fato dos senadores de diferentes partidos terem um índice de convergência alta não é suficiente para supormos que a convergência seja um indício de diálogo. Assim, na seção que se segue verificamos se estamos diante de um reforço de ideias ou se de fato estamos diante de uma troca informativa de propostas.

Reforço ou diálogo?

Precisamos saber se o que observamos na seção anterior - alta convergência - é fruto de diálogo ou se os senadores estavam apenas reforçando as mesmas ideias. Se estivermos diante de um diálogo, esperamos que os discursos sobre um mesmo tema apresentem posições distintas umas das outras. Caso contrário, se estivermos diante de reforço, não haverá posições discordantes entre si. É importante frisar que as posições apresentadas em discursos não podem ser observadas diretamente. Isto é, no jargão estatístico, são variáveis latentes. O desafio, portanto, é estimar essas posições que não são observadas a partir daquilo que podemos observar, os discursos.

A princípio, não há uma maneira fácil e incontroversa de se fazer isso. Mas podemos imaginar que os discursos que utilizam o mesmo conjunto de palavras tendem a ter posições mais semelhantes do que discursos que utilizam conjuntos diferentes. Se supormos que essa afirmação seja correta, a técnica do *Wordfish* ([Slapin and Proksch, 2008](#)) se torna uma boa saída.

O *Wordfish* é um algoritmo de escalonamento que produz estimativas das posições de textos em uma única dimensão. O modelo analisa a frequência de vezes que um discurso i menciona a palavra j . Assume-se que essa frequência, y_{ij} , segue a distribuição de

Poisson¹⁰. Assim o modelo é

$$\begin{aligned} y_{ij} &\sim \text{Poisson}(\lambda_{ij}) \\ \lambda_{ij} &= \exp(\alpha_i + \psi_j + \beta_j * \omega_i) \end{aligned} \tag{2}$$

onde α é um parâmetro para controlar o comprimento do texto; ψ controla o uso da palavra já que algumas palavras são mais frequentes do que outras; β é um parâmetro do uso específico da palavra, isto é, captura a importância da palavra j no escalonamento do texto; e ω é a estimativa da posição do texto i . A estimação é feita por meio de um algoritmo de maximização de expectativas.¹¹ O nosso parâmetro de interesse é o ω .

O conteúdo substantivo da dimensão em que as posições são estimadas, em muitos casos, não é predeterminado pelo analista e não necessariamente é uma dimensão ideológica. Por exemplo, ao aplicarem esta técnica sobre os discursos proferidos nos debates do Parlamento Europeu, [Proksch and Slapin \(2010\)](#) encontraram que as posições estimadas não refletem divisões ideológicas do tipo esquerda-direita. Pelo contrário, as posições estão associadas às divisões partidárias a respeito da integração da União Europeia e divisões nacionais. [Slapin and Proksch \(2008\)](#), por sua vez, ao analisarem os programas dos partidos alemães encontraram fortes indícios de que os textos capturam uma dimensão ideológica.

No nosso caso, a questão do conteúdo substantivo da dimensão não é um problema pois aplicamos o algoritmo separando os discursos por tema. Por exemplo, para o tema Distribuição de renda, separamos os 1.935 discursos classificados nessa categoria e estimamos as suas posições nessa dimensão de Distribuição de renda. Não nos interessa se esta dimensão está associada à uma escala de favoráveis à distribuição *versus* contrários à distribuição; ou uma escala de esquerda e direita. O que nos interessa saber é se os adversários políticos possuem posições distintas em cada um dos temas.

Na literatura é comum separar as temáticas em *hard politics* e *soft politics*¹². A primeira categoria - *hard politics* - trata de temas que compreendem o centro do processo político e da gestão econômica. Por exemplo, economia e relações internacionais são temas classicamente englobados por esta categoria. *Soft politics*, por sua vez, diz respeito a assuntos voltados à área social como saúde, educação e meio ambiente.

Nos Gráficos 6 e 7 apresentamos os resultados para cada um dos temas. Neles temos

¹⁰A escolha da distribuição de Poisson se deu por sua simplicidade. Ela possui um único parâmetro λ , sendo que λ é ao mesmo tempo a média e a variância.

¹¹Para mais detalhes veja [Slapin and Proksch \(2008\)](#).

¹²Alguns autores também utilizam uma categoria intermediária de *middle politics* ([Miguel and Feitosa, 2009, 207](#)).

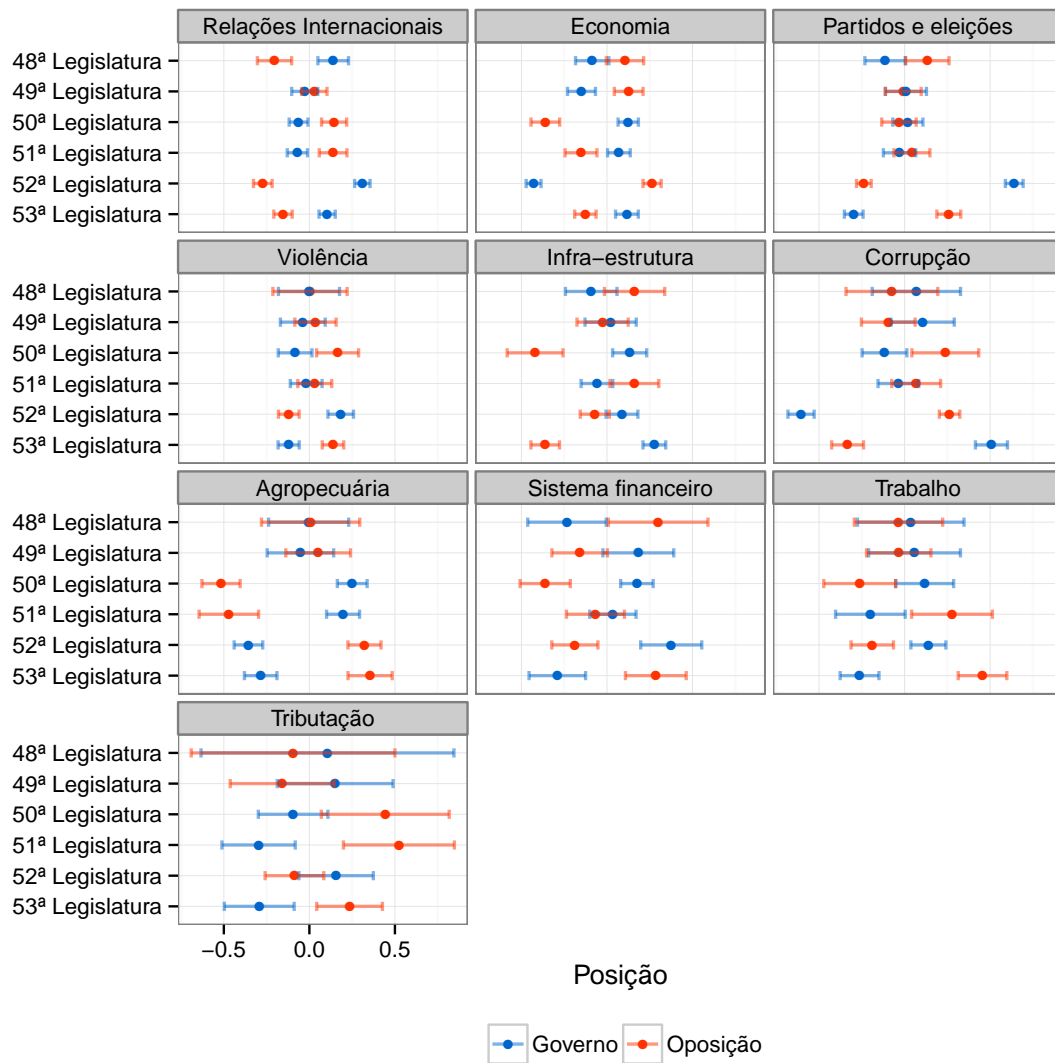


Figura 6: Posição estimada média do governo e da oposição nos temas de *hard politics*

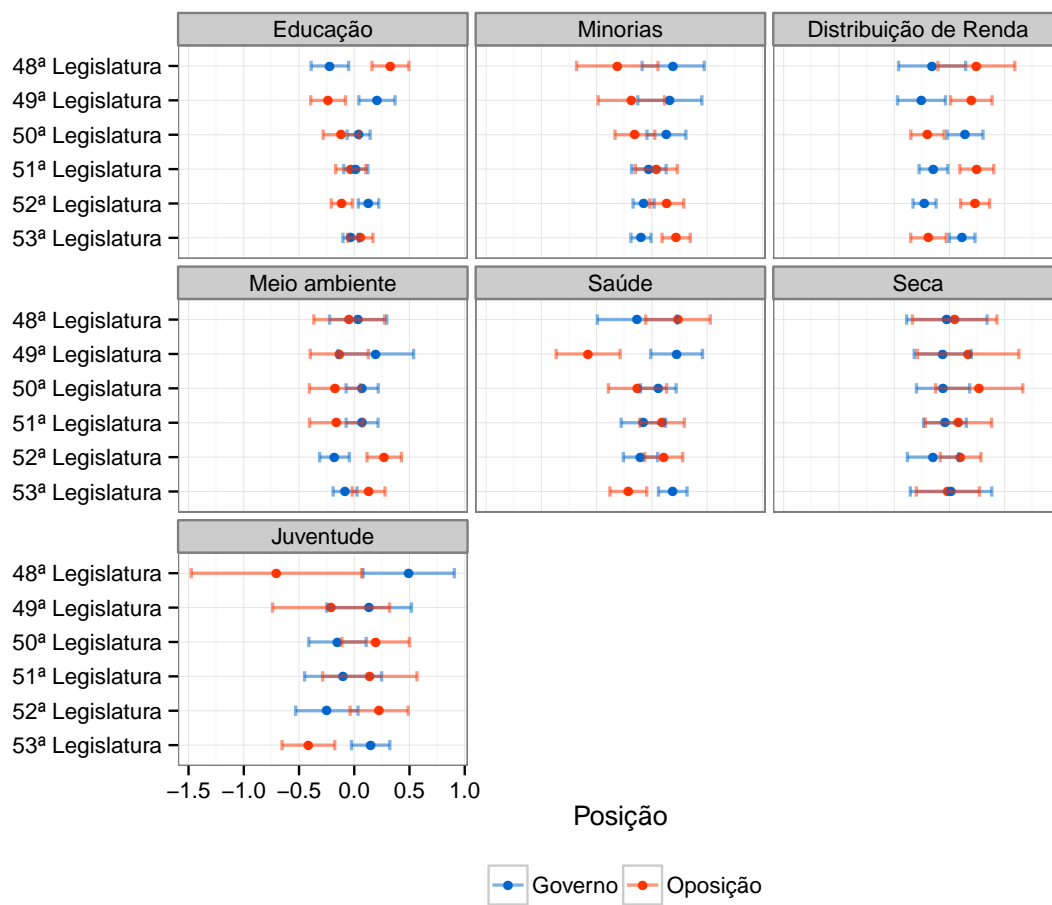


Figura 7: Posição estimada média do governo e da oposição nos temas de *soft politics*

as posições médias dos discursos do governo e da oposição em cada uma das temáticas por legislatura com os seus respectivos intervalos de confiança ao nível de 95%. Por exemplo, a primeira linha do campo de Relações internacionais do Gráfico 6 apresenta a posição média estimada para o governo (azul) e para a oposição (vermelho) nos discursos do tema de Relações internacionais durante a 48^a Legislatura. Assim, o governo obteve uma média de 0,14 e a oposição de -0,20 na dimensão de relações internacionais.

No Gráfico 6 temos os resultados para os temas de *hard politics*. Como podemos observar, na maioria das temáticas governo e oposição apresentam posições distintas, sobretudo a partir da 50^a Legislatura quando se inicia o primeiro mandato do presidente Fernando Henrique. Isso fica claro nos discursos sobre Relações internacionais, Economia, Sistema financeiro, Trabalho e Agropecuária. Nos assuntos relativos à Corrupção e Partidos e eleições é interessante notar que governo e oposição passaram a se distinguir somente a partir da 52^a Legislatura sob o governo Lula. Antes disso não havia posições diferentes.

Estes dados são indicativos de que estamos diante de um diálogo entre governo e oposição. Ou seja, aparentemente os parlamentares não estão apenas reforçando as propostas uns dos outros sem levar em consideração as suas posições em relação à coalizão governamental. Se um senador da oposição proferir um discurso sobre a corrupção, não é apenas provável que um senador do governo também discursar sobre esse mesmo tema. Ele também apresentará uma visão diferente.

Mas o mesmo parece não ocorrer para os temas de *soft politics*, como pode ser visto no Gráfico 7. Com exceção de Distribuição de renda, nenhum dos outros tópicos parecem distinguir o governo da oposição. Os dois lados aparentemente não possuem visões tão diferentes sobre questões de educação, saúde, meio ambiente, minorias, juventude e seca. Um motivo para isso talvez seja porque tais áreas não envolvem muita discordância - ou nos termos de Stokes (1966), são questões de valência (*valence issues*). Dificilmente um parlamentar defenderá a redução de recursos para a educação ou o aumento do desmatamento na Amazônia.

No caso da Distribuição de renda, que geralmente é classificado com um tema de *soft politics*, vemos que governo e oposição apresentam posições diferentes. Porém, no caso brasileiro, essa temática talvez não seja apenas uma questão social. Este é um tema fundamental e que ganhou relevo especialmente na administração do governo Lula.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi verificar se os senadores brasileiros concentram os seus discursos em assuntos específicos pois não percebem nenhum benefício em falar sobre temas que são especialidade de seus oponentes (Petrocik, 1996; Simon, 2002) ou se eles estão em constante diálogo para parecerem responsivos para com os seus eleitores (Ansola-behere and Iyengar, 1994).

Utilizando técnicas de análise quantitativa de textos e um banco de dados inédito com a indexação de mais de 64 mil discursos encontramos suporte para a segunda hipótese. Adversários políticos tendem a discursar sobre os mesmos temas. E mais importante do que isso, em temas que compreendem o centro do processo político e da gestão econômica, eles apresentam posições distintas. Se um político discursar sobre um tema, provavelmente o seu adversário discursará sobre o mesmo tema. Porém, ele apresentará uma visão diferente da de seu adversário.

Ao contrário do que argumentam Sagarzazu (2011) e Petrocik (1996), acreditamos que isso não esteja relacionado à institucionalização ou fraqueza do sistema partidário do país. O fato dos partidos políticos não focalizarem os seus discursos em temas específicos e buscarem o constante diálogo com os seus oponentes não mostra outra coisa senão a força dos partidos. A busca em se mostrar responsivo perante os seus eleitores e apresentar diferentes visões sobre o mesmo problema mostram a sua importância. Como lembra Sides (2006), ao discursarem sobre temas que seriam de "propriedade" de seus oponentes, os políticos buscam ressaltar dimensões que estão em consonância com a ideologia de seus próprios partidos.

Referências Bibliográficas

- Alemán, E., Calvo, E., Jones, M. P., and Kaplan, N. (2009). Comparing cosponsorship and roll-call ideal points. *Legislative Studies Quarterly*, 34(1):87–116.
- Ansolabehere, S. and Iyengar, S. (1994). Riding the wave and claiming ownership over issues: The joint effects of advertising and news coverage in campaigns. *Public Opinion Quarterly*, 58(3):335–357.
- Izumi, M. Y. (2013). Os determinantes do comportamento parlamentar no senado brasileiro (1989-2010). Master's thesis, Universidade de São Paulo.
- Kaplan, N., Park, D. K., and Ridout, T. N. (2006). Dialogue in american political campaigns? an examination of issue convergence in candidate television advertising. *American Journal of Political Science*, 50(3):724–736.
- Kinzo, M. D. (2004). Partidos, eleições e democracia no brasil pós-1985. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 19(54):23–40.
- Kinzo, M. D. (2005). Os partidos no eleitorado: percepções públicas e laços partidários no brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20(57):65–81.
- Mayhew, D. R. (1974). *Congress: The electoral connection*. Yale University Press.
- Miguel, L. F. and Feitosa, F. (2009). O gênero do discurso parlamentar: mulheres e homens na tribuna da câmara dos deputados. *Dados*, 52(1):201–221.
- Nunes, F. and Meira, J. F. (2012). Does the message really matter? economy and poll rates in the 2010 brazilian presidential election. unpublished.
- Petrocik, J. R. (1996). Issue ownership in presidential elections, with a 1980 case study. *American Journal of Political Science*, pages 825–850.
- Poole, K. and Rosenthal, H. (2007). *Ideology and congress*. Transaction Pub.

- Proksch, S.-O. and Slapin, J. B. (2010). Position taking in european parliament speeches. *British Journal of Political Science*, 40(03):587–611.
- Sagarzazu, I. (2011). Weak party institutionalization and the dynamics of political dialogue. In *APSA 2011 Annual Meeting Paper*.
- Sides, J. (2006). The origins of campaign agendas. *British Journal of Political Science*, 36(03):407–436.
- Sigelman, L. and Buell, E. H. (2004). Avoidance or engagement? issue convergence in us presidential campaigns, 1960–2000. *American Journal of Political Science*, 48(4):650–661.
- Simon, A. F. (2002). *The winning message: Candidate behavior, campaign discourse, and democracy*. Cambridge University Press.
- Slapin, J. B. and Proksch, S.-O. (2008). A scaling model for estimating time-series party positions from texts. *American Journal of Political Science*, 52(3):705–722.
- Stokes, D. E. (1966). Some dynamic elements of contests for the presidency. *The American Political Science Review*, pages 19–28.
- Tarouco, G. d. S. (2012). Brazilian parties according to their manifestos: Political identity and programmatic emphases. *Brazilian Political Science Review*, 5(1):54–76.
- Zucco, C. (2009). Ideology or what? legislative behavior in multiparty presidential settings. *The Journal of Politics*, 71(3):1076–1092.

Apêndice

Pronunciamentos
Detalhamento

◀◀◀ voltar

Autor Eduardo Suplicy (PT - Partido dos Trabalhadores / SP)
Nome Completo Eduardo Matarazzo Suplicy
Data 03/05/2007 **Casa** Senado Federal **Tipo** Pronunciamento
Resumo Comemoração do centésimo quadragésimo segundo aniversário de nascimento do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.
Indexação HOMENAGEM POSTUMA, ANIVERSARIO, CANDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, MARECHAL, PATRONO, TELECOMUNICAÇÃO, BRASIL, DEFESA, COMUNIDADE INDIGENA. SAUDAÇÃO, TELEVISÃO, ANUNCIO, EXIBIÇÃO, PROGRAMA, HISTORIA, MARECHAL, DEFESA, PRESERVAÇÃO, MEIO AMBIENTE. REGISTRO, RECEBIMENTO, VISITA, SERVIDOR, (IBAMA), PROTESTO, MEDIDA PROVISORIA, DIVISÃO, ORGÃO PUBLICO.
Catálogo HOMENAGEM. ADMINISTRAÇÃO PUBLICA.

Publicação no DSF de 04/05/2007 - página 12428


 [texto integral](#)

Figura 8: Exemplo de uma página de indexação

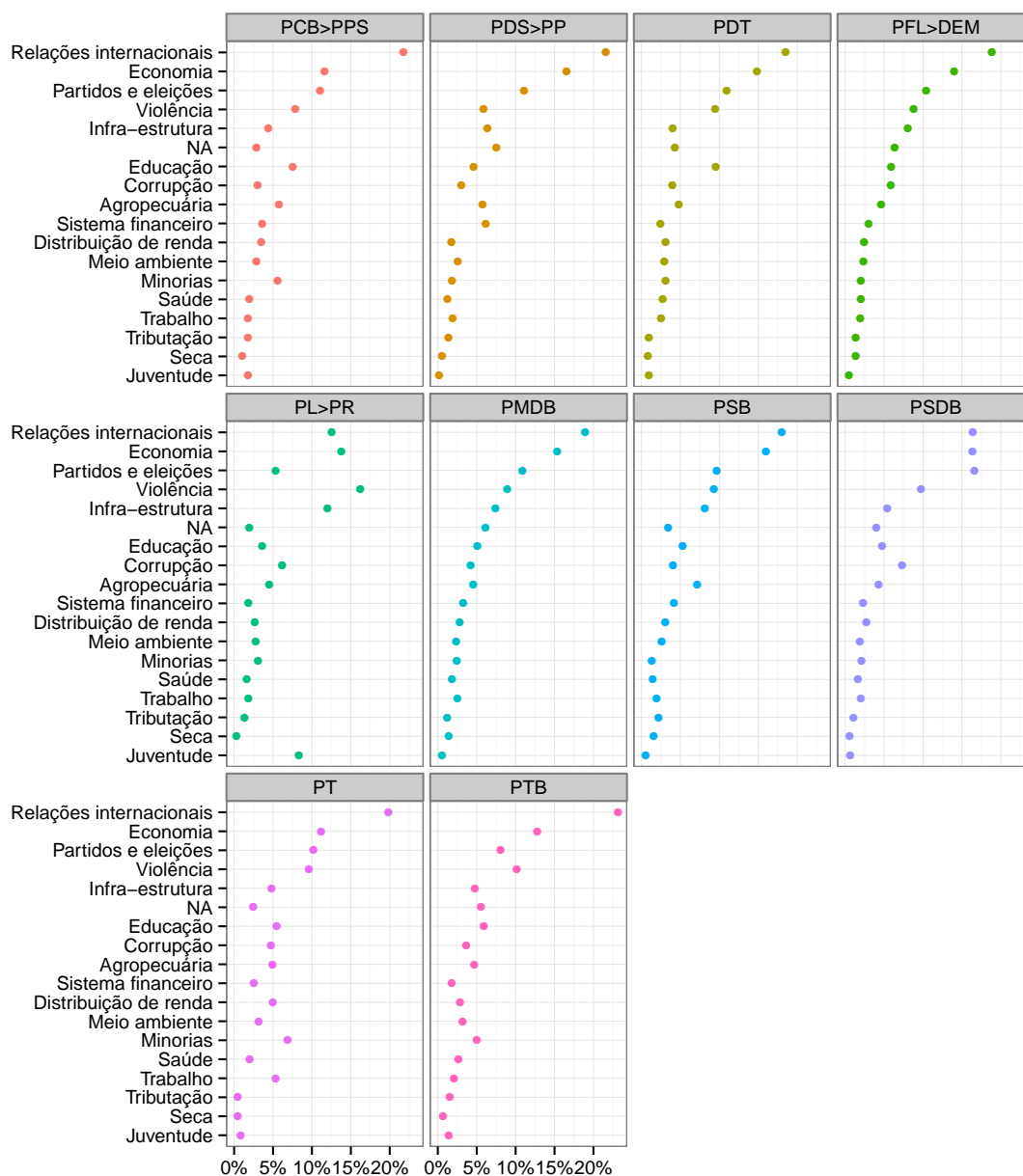


Figura 9: Proporção dos temas por partidos completo

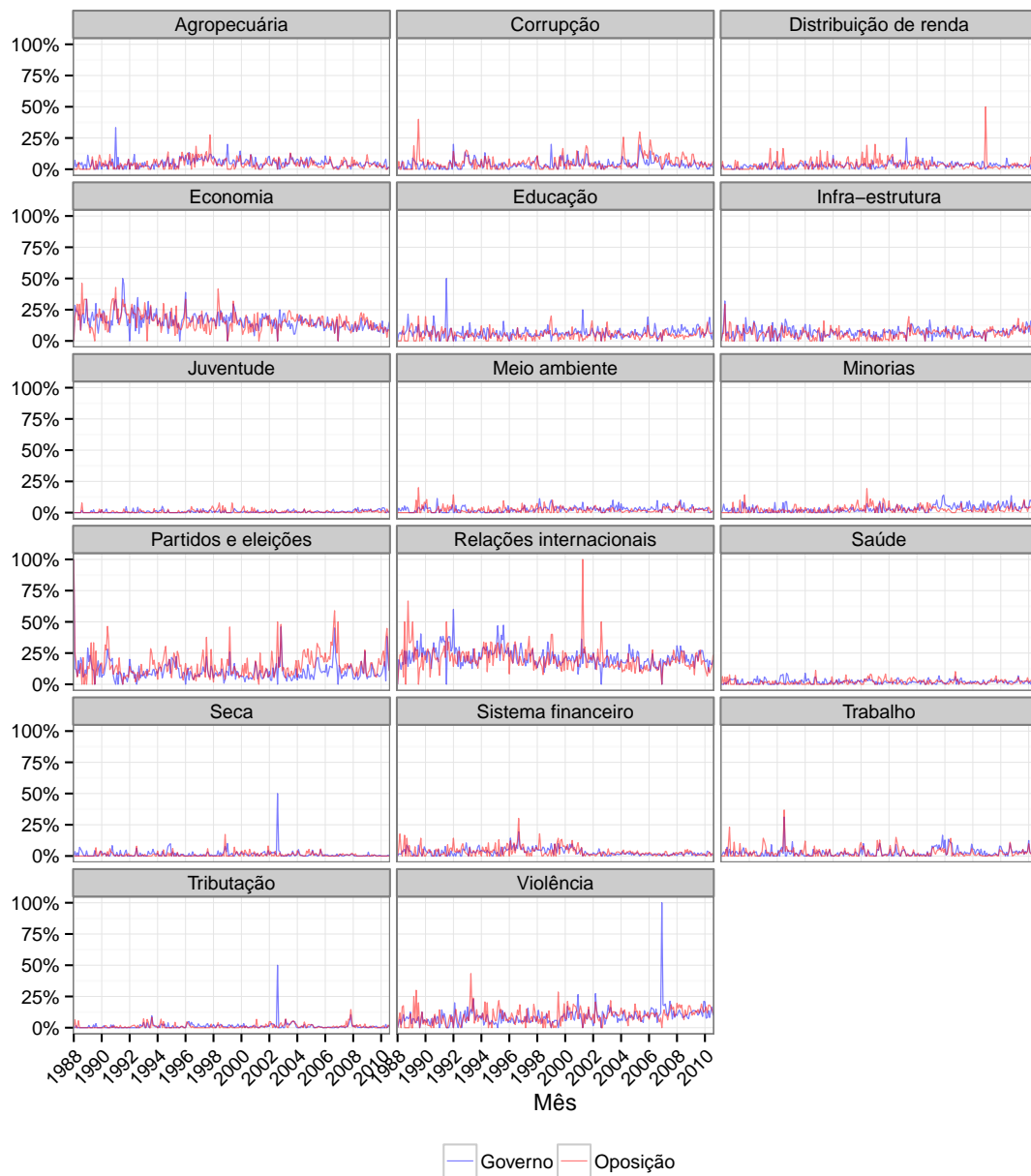


Figura 10: Proporção dos temas por mês completo

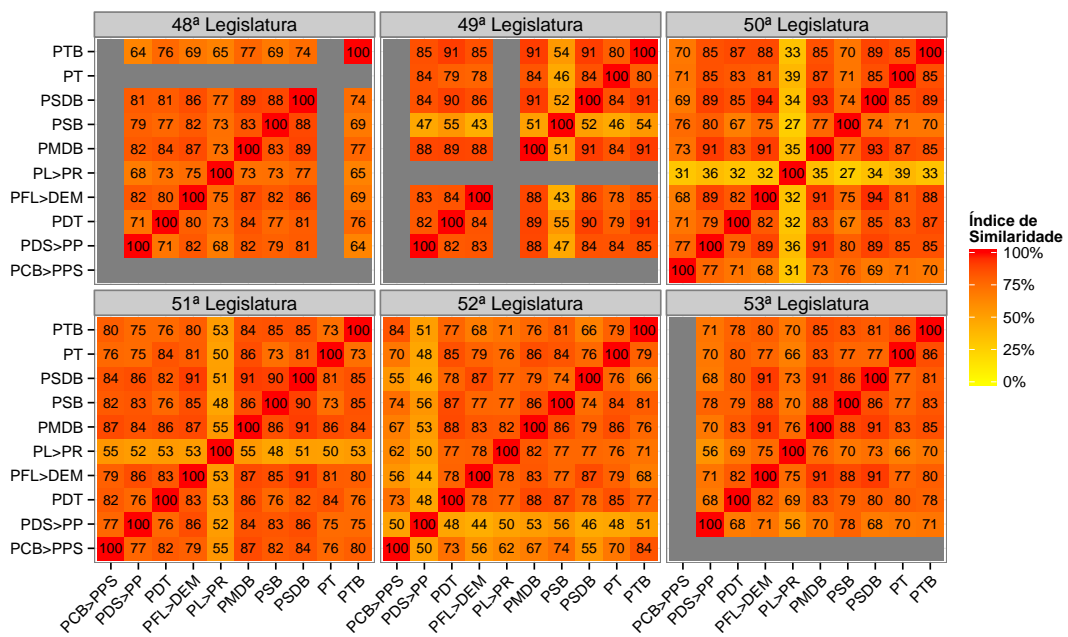


Figura 11: Índice de similaridade entre os partidos por legislatura completo